

O bálsamo da ressurreição

Dedicação da Capela Árvore da Vida

1. Somos plasmados por Deus desde o princípio. Encontramo-nos diante da criação como acontecimento vivo da Palavra. A Palavra de Deus é como uma seta luminosa que nos guia do início à transformação do criado, ao silêncio primordial, ao repouso e ao crescimento, à luz e à vida, ao desejo e à plenitude.

2. Entrar na quotidianidade é partilhar uma comunhão de vida com Deus porque ela é um dom que não possuo nem domino. É viver da luminosidade intensa da Luz pascal que, nesta capela, «*nos abraça e faz sentir salvos na luz*», expressão, no plural das palavras, de um estudante norueguês. A liturgia no seu todo – palavra, gesto, espaço, tempo e ritmo – coloca-nos diante do acontecimento criativo da beleza divina que atrai a sensibilidade humana. Uma liturgia assim não se descreve, sente-se, vive-se e medita-se. É diante da sinfonia simbólica do espaço e das linguagens que lemos nas entrelinhas o mistério profundo de Deus.

3. No Evangelho, Jesus perturba-se com a fé mercantil dos seus contemporâneos, e por isso pede-lhes: «*Não façais da Casa de meu Pai uma feira*». Entramos no processo de purificação dos corações. O átrio tem este efeito de preparar e acalmar o frenesim e o tumulto que trazemos connosco. Jesus sabe disso. O silêncio primordial, que esteve na origem do chamamento do Povo de Israel, estava a desaparecer. Os ruídos mercantilistas à volta do Templo, que era o centro da fé dos seus antepassados, estavam a silenciar a presença de Deus. Israel esqueceu-se novamente da sua Aliança. Mais uma vez desvia-se do caminho e cai na tentação idolátrica que é transversal a todos os povos e a todos os tempos. Jesus encontra-se na encruzilhada da história de um Povo que facilmente perde o solo da fé.

4. Pedro, testemunha qualificada de Jesus Cristo, fala da beleza do corpo rejeitado pelos homens. Mais uma vez a vontade Deus não coincide com a dos homens. «*O escândalo, e ao mesmo tempo a ousadia do cristianismo, é que Deus se tenha feito homem. Mas maior loucura seria se Deus estivesse longe*» (J.A. Mourão). O corpo de Cristo, a sua vida e ministério, é a verdadeira Árvore da Vida, cujas as raízes se encontram no coração de Deus, Seu Pai. A promessa de Jesus: «*destruí este templo, e em três dias Eu o levantarei!*», cumpriu-se e foi presenciada por Pedro. Jesus fala da sua Ressurreição ao terceiro dia, de uma edificação interior, que permanece para além das estruturas do espaço físico e do tempo. «*Pela sua morte e ressurreição, Cristo tornou-se o verdadeiro e perfeito templo da Nova Aliança e congregou o povo que Deus tornou Seu*» (Rito da Dedicação, Preliminar 1). Pedro afirma que aqueles que escutam a Palavra são o «*templo vivo*» onde Deus habita. Em Cristo, Deus torna-se Palavra do corpo humano, «*oração do corpo*» (P. Beauchamp), que nos envolve total e solenemente nesta celebração.

5. A Beleza abre espaço para a presença do corpo, para a sua manifestação na celebração da fé. Uma presença celebrativa onde fazemos experiência da musicalidade divina, que nos é dada gratuitamente. O homem não é apenas razão mas também sentimento e emoção. A linguagem simbólica envolve-nos nesse mistério profundo da habitação de

Deus no corpo de Cristo, numa tensão forte entre o escândalo do corpo Crucificado e o esplendor do corpo Ressuscitado. O mistério não é só aquilo que não é compreensível mas aquilo que é demasiado rico e belo para ser entendido. O caminho do mistério, da opção pelo não óbvio, abre-nos para a beleza do encontro pessoal com Aquele que está vivo. Um diálogo com a Alteridade, com o Deus amor, face a face, onde eu me coloco como «ouvinte» do silêncio das origens que acolhe e deseja ardentemente acreditar no amor apaixonado de Deus.

6. Cristo é a Árvore da Vida onde natureza e graça se unem para gerar vida nova, de homens reconciliados com as suas feridas interiores e dispostos a viver a alegria do *«banquete nupcial»*. É com este banquete que somos convidados a edificar a nossa vida em Cristo. O corpo do Ressuscitado, *«pedra angular que os construtores rejeitaram»*, é o símbolo de toda a fé cristã, sobre o qual está assente o memorial da fraternidade e o âmbo da Palavra, pelo qual entoamos cânticos e salmos de alegria. Autêntica *«gramática da oração»* (E. Bianchi) da espiritualidade cristã, o corpo do Ressuscitado é o bálsamo que nos liberta do túmulo da morte para uma vida feliz. É assim que Neemias exorta o seu Povo: *«Ide para vossas casas, comei uma boa refeição, tomai bebidas doces e reparti com aqueles que não têm nada preparado. Hoje é um dia consagrado a nosso Senhor; portanto, não vos entristeçais, porque a alegria do Senhor é a vossa fortaleza»*.

7. É neste sentido que consagramos hoje a capela Árvore da Vida. No meio da vida quotidiana da comunidade do Seminário, Deus coloca um autêntico «jardim pascal» sobre o «jardim do Éden». De facto, como escreveu António Marujo, *«esta capela pode ser um jardim, um bosque ou uma avalanche de metáforas. Desde logo, uma metáfora de luz. E um jogo de sombras, alusivo à criação do mundo»*. Por tudo isto, ela chama, interpela e convida cada um a entrar pela *«Porta das Águas»* para se tornar *«ouvinte da Palavra»* (K. Rahner). Um jardim pascal selado por uma seta que nos conduz à transparência plena do amor divino. A intensidade da vida, desse quotidiano comum que se divide nesta casa, converter-se-á num verdadeiro *«umbral da oração»* (E. de Luca) se professarmos a presença de Deus na circularidade e na diversidade de dons de cada um ao serviço da comunidade. A capela Árvore da Vida ajudar-nos-á a ver, a escutar, a olhar, a sentir, a discernir e a respirar o bálsamo da presença transfiguradora do Ressuscitado. A transparência da sua riqueza simbólica não nos pode deixar indiferentes à Palavra que vem ao nosso encontro para ser acolhida e vivida.

8. É com este empenho que a Igreja quer *«animar os artistas a reapropriarem-se dos grandes símbolos, das grandes narrações, os grandes temas, as grandes figuras»* (G. Ravasi) segundo a narrativa contemporânea, porque como afirma o cardeal Gianfranco Ravasi, *«não podemos continuar a ouvir Stockhausen como se ouve Mozart»*, pois se a sensibilidade é outra, o esforço de apropriação também terá de ser outro. Deus *«faz-se»* inteira e totalmente presente no ato criativo quando é o Senhor da vida a forma e conteúdo da mensagem.

9. Que S. João Maria Vianney, padroeiro dos párocos, a quem a capela é dedicada, seja pedagogo espiritual dos nossos diálogos de amigos com Jesus e entre irmãos. Maria, Nova Eva e Mulher vestida de sol, nos ajude a caminhar sempre com Cristo e a testemunhá-lo sem medo em todos os momentos da existência.

+ Jorge Ortiga, A. P.
Capela Árvore da Vida, 20 de Outubro de 2011